

A humanização na saúde mental

CORREIO BRAZILIENSE

22 FEV 1992

Ridette Gomes de Carvalho

Humanismo é um movimento cultural surgido do Renascimento, uma postura filosófico-social que concentra o seu interesse nos problemas da pessoa humana, colocando o homem na condição de sujeito e não de objeto do processo social. A filosofia humanista pode ser aplicada de forma ampla ao humanismo cristão, humanismo reformista, social, ao humanismo na educação, na saúde etc.

A aplicação do Humanismo à medicina é relatada desde tempos recuados, quando o médico ginecologista Sorano de Epheso, inventor do espéculo (Século I e II dC), ficou conhecido pelos princípios humanitários que aplicava aos doentes mentais e ensinava aos auxiliares a compreensão para com os doentes. Paracelsus, o primeiro a usar a tintura de ópio-láudano (1493/1641), escreveu um livro sobre as enfermidades que privam o homem da razão, e defendia uma aproximação mais humana em relação aos pacientes, incluindo os que sofriam de doença mental. O primeiro médico a ser considerado psiquiatra, no entanto, foi Johann Weyer, suíço de Basiléia, que em 1563 publicou o livro *De Praestigiis Daemonum*.

O grande período da humanização da saúde mental ocorreria no final do Século XVIII, quando o médico alienista francês Philippe Pinel (1745/1826), ao ser nomeado superintendente da Bicêtre de Paris, mudou a orientação tradicional do tratamento dos doentes mentais na França, substituindo-o pela brandura. Não acreditava, porém, ser bastante desacorrentar os loucos.

Conclui-se que a humanização do atendimento em saúde, principalmente do atendimento médico psiquiátrico, resulta de um processo histórico-cultural que indica um amadurecimento do mundo moderno e contemporâneo, no qual já é possível conhecer a comunicação intercelular. Pode parecer que decodificando a "conversa" entre as células conseguíramos a cura da maioria das doenças, mas a saúde mental não se alimenta apenas da comunidade de células do corpo humano. O leque de variáveis é multidimensional.

O saber médico na psiquiatria, situada no enclave das ciências biológicas e humanas, iria, pouco a pouco, considerar três fatos: formar uma filosofia onde estão o médico ou o profissional de saúde, a doença (o ser humano ainda considerado anô-

nimo) e, finalmente, o ser humano portador da doença.

O atendimento do ser humano constitui-se em uma relação terapêutica, um vínculo com a pessoa que necessita de ajuda. A psiquiatria dimensionada além dos limites da medicina evoluiu para a saúde mental, esta constituída por um saber interdisciplinar.

O enclausuramento nos hospícios, leprosários e sanatórios para tuberculosos serviu de modelo aos hospitais psiquiátricos dos nossos dias. Foucault e Canguilhem indicam a verdadeira dificuldade da medicina: a doença, adquirindo um estatuto científico, separa-se cada vez mais do que o interessado sente dela. O doente é um mero indicador de sinais (sinais e sintomas), e não um ser que demanda alguma coisa. O saber médico é um saber sobre as doenças e não sobre o homem, o qual só interessa ao médico enquanto terreno onde a doença evolui. Foucault admite que a medicina moderna fixou ela própria o seu nascimento nos últimos anos do Século XVIII.

Nada acontece por acaso. Os movimentos recentes de humanização do atendimento médico, e especialmente psiquiátrico, têm ocorrido na França, Itália e Inglaterra. É só voltar ao passado. No Brasil os nomes de Franco da Rocha, Ulisses Pernambucano e Nise da Silveira não podiam deixar de ser lembrados.

Vale destacar que o médico pernambucano, político, radicado no Sul do País, Leônio Basbaum (1907/1969), autor do livro *Alienação e Humanismo*, procura fazer um paralelo entre a alienação mental, enquanto patologia psiquiátrica, e alienação enquanto patologia social. Eu acrescento que muitas pessoas não são propriamente "alienadas" da realidade social, mas "descompromissadas" com a questão social, conscientemente acomodadas. Para Basbaum, o humanismo significa a luta permanente contra a estagnação, a busca do homem novo, consciente da problemática social.

Em Brasília, o Instituto de Saúde Mental (ISM), um hospital-dia, pertencente à Secretaria de Saúde do DF, funciona desde 1987. Não se trata de pioneirismo em saúde mental. Em 1928, já havia referência ao Malborough Day Hospital, em Londres, que então inaugurava o primeiro clube social terapêutico, iniciativa de Bierer. Esse médico iniciou o movimento do hospital-dia na Inglaterra, definindo-o como unidade independente e não parte de um

outro hospital. Admite todo tipo de doente psiquiátrico, substitui o hospital psiquiátrico clássico, proporciona todos os tratamentos possíveis da moderna psiquiatria e está organizado segundo os princípios de uma comunidade terapêutica. Ademais possui clube socioterapêutico (associações informais ou clubes sociais) que proporciona maior integração na comunidade. O hospital-dia pode fazer parte de um hospital que ele chamou de "Unidade Psiquiátrica de Dia".

O ISM funciona em local denominado Granja do Riacho Fundo, anterior residência de presidentes da República. Possui 52 hectares e aproximadamente quatro mil metros quadrados de área construída. Tem espaço físico amplo, muito verde, piscinas natural e artificial, os pacientes caminham livremente. Não há barreiras, salvo os auxiliares de enfermagem que circulam estrategicamente no ambiente. Digo sempre que, onde viveu a hegemonia do poder constituído, hoje transitam os que sempre viveram na periferia do poder.

O modelo de atendimento, a filosofia que norteia o nosso trabalho, é uma postura humana, aberta, receptiva, holística, centrada em atividades grupais, com muita ênfase na grupoterapia, terapia ocupacional e atendimento/orientação às famílias dos pacientes. Não se pode dizer que é uma comunidade terapêutica. É mais um centro de atenção médico-psicossocial com o propósito de proporcionar atenção integral diurna e temporária às pessoas portadoras de transtornos psiquiátricos graves, vindas das instituições totais e da comunidade. Ali são oferecidos cuidados personalizados e intensivos e atendimento familiar, seja orientação multifamiliar, seja terapia de família nuclear, de casal ou individual.

Enfim, o que se pretende é a humanização do atendimento, a percepção da pessoa do paciente e a disponibilidade dos profissionais de saúde mental para atenção cada vez maior ao doente psiquiátrico.

Estamos percorrendo caminhos novos e temos muito ainda a percorrer. Outros serviços alternativos à hospitalização integral deverão surgir no DF com a reestruturação da atenção à saúde mental.

■ Ridette Gomes de Carvalho, médica psiquiatra, é diretora do Instituto de Saúde Mental do Distrito Federal